



**Entrevista coletiva do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva,
na Base Aérea de Quito, antes do embarque para o Brasil**

Quito-Ecuador, 10 de agosto de 2009.

Jornalista: Então, a pergunta é: o senhor concorda com o que o Chávez disse, que há uma ameaça de guerra aqui e que a Venezuela está ameaçada? O senhor concorda com isso?

Presidente: Veja, essa é uma visão que o presidente Chávez tem, até porque ele já foi vítima de golpe uma vez. Então, quem foi vítima de golpe está sempre desconfiando que alguma coisa pode voltar a acontecer.

No caso do Brasil, nós trabalhamos com a sensibilidade de que não é possível imaginar, no século XXI, qualquer guerra na América do Sul ou na América Latina. O papel do Brasil é trabalhar para que a gente resolva os nossos problemas em paz, até porque somente a paz é que pode garantir que os países se desenvolvam, cresçam, gerem riquezas e distribuição de renda. Fora disso, seria um desperdício.

Há uma inquietação com a transferência da Base de Manta para a Colômbia. Já houve uma explicação do Presidente da Colômbia a vários países da América do Sul. Nós fizemos questão de dizer ao presidente Uribe que a nós nos preocupa porque nós acabamos de criar o Conselho de Combate ao Narcotráfico e, portanto, esse Conselho pode dar respostas a muitas coisas que os colombianos pensam que só os americanos que podem dar. Eu acho que a América do Sul tem que ter uma chance de cuidar dos seus próprios problemas, sem precisar de ingerências externas. E, ao mesmo tempo, o Brasil precisa de segurança jurídica. Ou seja, se tem uma base a mais na Colômbia, é preciso que fique explicitado em qualquer documento, nesse tratado feito entre Estados Unidos e Colômbia, que fique explicitado que essa Base tem



como finalidade, pura e simplesmente, agir dentro do território da Colômbia.

Isso é uma coisa que nós achamos. Eu, inclusive, disse ao presidente Uribe que iria procurar o presidente Obama para falar com ele. Agora, tomamos uma decisão de fazer uma reunião dos nossos ministros das Relações Exteriores com os ministros da Defesa de toda a América do Sul para discutir esse assunto, e vai ser no dia 24 de agosto. E depois nós vamos decidir, depois da reunião dos ministros, se há necessidade de fazer uma reunião dos presidentes da República da América do Sul.

Eu, inclusive, propus que numa reunião dos presidentes da Unasul, que a gente convocasse o presidente Obama para que viesse discutir conosco qual é a política americana para a América do Sul e para a América Latina. Todo mundo aceitou essa ideia, e vamos ver se vai acontecer a reunião dos presidentes para que a gente possa convidar o presidente Obama, e se ele vai aceitar vir participar de uma reunião da Unasul.

Jornalista: Por que é importante (incompreensível)?

Presidente: Veja, eu acho que seria importante uma definição de que política os Estados Unidos querem ter para a América Latina, porque acabou a Guerra Fria já há muito tempo e ainda existe um processo de desconfiança na América Latina com relação às incertezas da política americana. Ora, então, nada melhor do que o presidente Obama, que tinha pedido para nós uma reunião com a Unasul em Trinidad Tobago, ele agora faça uma reunião com a Unasul para discutir esses problemas e outros problemas. Eu acho que é uma boa medida, acho que vários presidentes ficaram de falar com o Obama. Eu, particularmente, pretendo ligar para o presidente Obama na próxima semana, e vamos ver se vai ser possível fazer a reunião. Mas, primeiro, nós vamos esperar a reunião dos ministros das Relações Exteriores e dos ministros da Defesa para a gente poder saber da precisão dessa reunião. Para nós, aqui na



América do Sul, o que nós queremos é paz. O que nós queremos é paz, fortalecimento da democracia, crescimento econômico, geração de emprego e distribuição de renda, e isso só pode ser conseguido em pleno momento de paz na América Latina.

Jornalista: Presidente, o assunto Colômbia ficou de fora do documento da reunião da Unasul porque o Brasil, entre outros países, não queria rechaçar a presença americana na Colômbia. Ou seja, o cuidado do Brasil é dialogar com a Colômbia, é evitar um confronto ainda maior ao aumentar a tensão, seria isso?

Presidente: Veja, primeiro é importante que estivesse presente o presidente da Colômbia. Por razões que dependem somente do presidente Uribe, ele não quis vir a essa reunião. Agora, ficou claro também nessa reunião que nós não vamos discutir a questão da Colômbia sem a presença da Colômbia. E que o presidente Uribe não se sente à reunião como se fosse réu. Ele tem que se sentar em igualdade de condições e explicar as razões dele, ouvir os pensamentos que discordam dele, para gente poder construir o possível. Ainda há muita mágoa entre Equador e Colômbia, entre Venezuela e Colômbia, e eu acho que isso só será resolvido em uma mesa em que as pessoas digam a verdade umas para as outras, e que depois dessa verdade a gente construa o caminho do meio para que a gente viva em paz. Até porque todos os países são interdependentes. Então, nós temos que construir na prática aquilo que é melhor para o povo colombiano, para o povo do Equador, para o povo do Brasil, para o povo da Venezuela, e assim sucessivamente.

Jornalista: Presidente, (incompreensível)



Presidente: Não, veja, eu acho que nós precisamos fazer uma conversa de presidente. Antes de fazer especulação, deixa eu conversar com o presidente Obama para saber da disposição dele.

Jornalista: Presidente, com relação a questões internas: há uma dúvida com relação a uma informação que foi divulgada recentemente, sobre um encontro que uma assessora da ministra Dilma teve com a ex-secretária da Receita Federal, dona Lina. E que nesse encontro a assessora da ministra Dilma teria pedido para que o processo de investigação contra Fernando Sarney fosse, de certa forma, engavetado. O que o senhor teria a dizer sobre isso? Realmente a Ministra teve essa atitude? É da responsabilidade dela ter provocado, digamos, a Receita, para que a Receita terminasse rapidamente com essas investigações?

Presidente: Você conhece a Dilma?

Jornalista: O senhor conhece mais, então vai me contar.

Presidente: Eu não acredito. Olha, quem construiu essa fantasia, essa história, em algum momento vai ter que dizer que foi um ledo engano. Pode escrever a matéria e (incompreensível) embaixo: “Erramos”. Porque não faz parte da personalidade da Dilma, e eu, sem ter conversado com a Dilma sobre o assunto de ontem para hoje, eu duvido que a Dilma tenha mandado um recado ou conversado com qualquer pessoa a esse respeito. Não faz parte da formação política da Dilma.

Jornalista: Um outro tema, Presidente, que eu gostaria da sua opinião, é com relação aos processos que estão em andamento no Conselho de Ética do Senado contra o presidente Sarney. Nós sabemos que há uma ala muito



importante do PT que está defendendo que pelo menos um dos processos seja mantido. Que ele seja submetido, portanto, ao Conselho, por conta de um processo. Nós sabemos também que há uma posição do senhor que esse caso deve ser encerrado o mais breve possível, não é assim?

Presidente: Não é verdade. De onde você tirou essa conclusão de que, da minha parte, eu quero que encerre logo? Não é verdade, você nunca ouviu isso de mim.

Jornalista: Diretamente não, Presidente. Mas de colaboradores...

Presidente: Não, nunca ouviu. Nem você... Mas, veja, se você está conversando comigo e vai perguntar uma coisa de colaboradores, ou seja, deixa eu lhe falar uma coisa: a minha posição é clara. O Senado tem maioria e tem instrumentos para fazer as investigações que entender que deva fazer e para apurar do jeito que bem entender. Não cabe a um presidente da República ficar dando palpite nas instâncias de investigação e de julgamento do Senado, seria presunção demais da minha parte. Ou seja, eles têm o mecanismo, eles que façam isso, que investiguem, que absolvam, que punam. Mas eles... Não me peça a minha opinião, porque eu nem teria como dar opinião sobre o que vai acontecer no Senado.

O que eu digo, isto sim, é que você não pode, a cada denúncia que existe - antes de você fazer o processo de investigação, de apuração e de julgamento - você achar que as pessoas têm que perder os cargos que ganharam legitimamente, no voto, não é assim.

Se a gente utilizar corretamente as fórmulas estabelecidas pela democracia, ninguém perde e todo mundo ganha. Se a gente começar a atropelar os instrumentos democráticos que nós mesmos criamos, todos nós perdemos. Essa é a minha lógica.



Jornalista: Presidente, só uma coisa, no caso da Lina, foi ela que falou, em *on*, a história da Dilma. Foi ela que inventou uma fantasia?

Presidente: Mas minha filha, veja, eu não sei se a Lina falou ou não, você é quem está me falando. Você sabe que dia de domingo eu não leio jornal.

Jornalista: (incompreensível) de todo dia.

Presidente: Segunda-feira eu ouço informações. Mas deixa eu falar uma coisa para vocês. Eu só estou dizendo: eu duvido que a Dilma tenha conversado com a Lina sobre qualquer assunto desses. Duvido.

Jornalista: O senhor conversou com a ministra Dilma ontem, sobre isso?

Presidente: Não, não conversei. Não conversei nem ontem, nem anteontem, nem “transantontem”.

Jornalista: Nem vai conversar com ela?

Presidente: Talvez converse amanhã. Não vou conversar porque ela não está em Brasília, ela está visitando obras do PAC. Eu estou chateado mesmo é porque o Corinthians perdeu.

Jornalista: Um a zero, é. Pois é.

Presidente: (incompreensível)

Jornalista: (em espanhol)



Jornalista: Presidente, o senhor está retornando a essa hora, qual foi o motivo, Presidente, de não ter ficado para a foto?

Presidente: Não, deixa eu lhe falar uma coisa: primeiro, eu vim nessa reunião, eu já tinha vindo... é a segunda posse que eu venho aqui, ao Equador. Eu tinha vindo para a reunião com a principalidade de participar da reunião da Unasul. Acho que a discussão da Unasul foi importante, porque nós entramos nos temas em que era necessário entrar.

Às 7 horas da manhã, quando eu levantei para tomar café... Eu, quando vim para cá, às 9 horas da noite, liguei para o José Alencar, ele estava bem, eu conversei com ele, ele já estava pensando em voltar para Brasília. Eu levantei às 7 horas da manhã, fui informado que o José Alencar tinha retornado ao hospital às 11 horas da noite porque ele foi urinar e urinou sangue. Então, eu fiquei preocupado, comuniquei ao presidente Rafael Correa que eu não ia ficar para a posse, comuniquei aos outros presidentes, participei da reunião da Unasul e vou embora agora. Foi por isso.

Jornalista: O senhor tem mais alguma informação a respeito...

Presidente: Não, não tenho.

Ministro das Relações Exteriores: Deixa eu dizer uma coisa sobre Colômbia que talvez seja interessante, porque as reuniões ontem foram também positivas e muito factuais. E nós estamos sentindo da Colômbia uma disposição de considerar, por exemplo... a vice-ministra, que estava aqui, de considerar essas garantias negativas que nós sugerimos. Além do acordo deles com os Estados Unidos, que deve dizer determinadas coisas, pode haver garantias bilaterais ou para o conjunto da Unasul, sobre isso, com valor



jurídico, que é uma coisa importante.

Presidente: Está bem?

Jornalista: Obrigada, Presidente.

Jornalista: Presidente, (incompreensível) o vice-presidente José Alencar...

Presidente: Não, não. Acabei de conversar com ele.

_____: Ele está bem?

_____: Ele está bem.

_____: (incompreensível) para casa (incompreensível)

Presidente: (incompreensível) vai fazer tudo aquilo que tem que fazer. Uma pergunta.

_____: (incompreensível)

Jornalista: Qual a expectativa que o senhor (incompreensível) com a posse do segundo mandato do Rafael Correa e também com a (incompreensível) Presidência *pro tempore* da Unasul?

Presidente: Primeiro, eu tenho muita convicção de que Rafael será um extraordinário presidente para o Equador. Acho que é uma novidade extraordinária que um jovem economista ganhe duas eleições, ganhe o referendo e assuma o seu segundo mandato no Equador. Ele é muito



preparado e, portanto, tem condições de fazer o Equador dar um salto de qualidade. Também fico feliz que Rafael tenha assumido a Presidência *pro tempore* da Unasul. Isso aumenta a responsabilidade dele porque agora, quando tiver reunião, ele, como presidente, é que tem que convocar a Colômbia. Portanto, a divergência com a Colômbia tem que ser secundarizada pelo seu papel de presidente. Ou seja, o presidente é uma espécie de gestor, é uma espécie de harmonizador da boa relação entre os países da Unasul. Portanto, todo mundo pode ter divergência com todo mundo, menos o presidente, que deve ser o grande conciliador.

Jornalista: (incompreensível) reunião com Obama, com o presidente Obama, esta semana?

Presidente: Não, não, não. Falamos de uma reunião no dia 24 de agosto entre os ministros das Relações Exteriores e os ministros da Defesa e, possivelmente, uma reunião dos presidentes da Unasul. Nesta, sim, nós poderíamos convidar o presidente Obama para participar, se ele aceitar.

(\$31EGJLMQ)